

Futuro planejado no presente

A construção de um mundo mais justo passa por uma nova maneira de encarar a realidade atual. A manutenção da miséria custa mais do que a sua erradicação

Marcelo Monteiro

O futuro a Deus pertence, como diz o velho ditado popular, ou pode ser determinado por ações realizadas no presente?

Segundo o psicólogo Paulo C. Moura, o futuro de uma nação é condicionado diretamente pelo planejamento e atitudes governamentais tomadas no presente, como por exemplo uma atuação intensa no combate à pobreza e na melhoria do sistema educacional, permitindo a alteração dos indicadores sociais. O futuro é uma construção humana, na opinião do psicólogo.

Segundo o ex-consultor da Organização das Nações Unidas e presidente do Instituto de Estudos Políticos e Sociais, a dificuldade principal atualmente já não é introduzir as mudanças, "pois elas se impõem", e sim ter a competência de reconhecê-las, de definir o momento adequado para implementá-las, avaliar seus efeitos e formular respostas adaptativas. "Precisamos aprender o futuro", afirma.

No Brasil, chamado no passado de "o país do futuro", não se desenvolveu o costume de planejar de forma crítica a forma de construir a vida da comunidade a longo prazo, de pesquisar maneiras alternativas de ação e suas conseqüências, afirma Moura no livro *Construindo o Futuro - O Impacto Global do Novo Paradigma*, lançado recentemente pela Editora Mauad.

Problemas ocorrem também na relação dos países desenvolvidos com as chamadas nações em vias de desenvolvimento. O psicólogo cita a falta de interesse na realização de investimentos para a melhoria das condições de vida da maioria da população do Terceiro Mundo.

"Se é verdade que custaria muito dinheiro um esforço global para acabar ou minimizar a miséria absoluta no mundo, custa muito mais manter essa miséria", devido à "devastação ambiental, necessidades de segurança, sem contabilizar a tragédia humana dos miseráveis, que, de um modo ou de outro, acabam tendo que ser sustentados pelo Estado". Para ele, as teorias mais propagadas sobre as causas da pobreza são completamente infundadas, refletindo

Cerca de um bilhão de pessoas no mundo lutam para sobreviver com menos de um dólar por dia. Enquanto isso, os norte-americanos gastam US\$ 5 bilhões por ano com dietas

apenas interesses e preconceitos e são "a expressão de uma força política que fabrica e sustenta a miséria".

No livro, Paulo Moura lembra que os gastos anuais com "defesa nacional" e com "pesquisas armamentistas" são superiores a US\$ 1 trilhão, ou mais de US\$ 1 bilhão a cada 24 horas. Somente

nos Estados Unidos, aproximadamente 70% dos investimentos em pesquisas e desenvolvimento são voltados para as áreas de defesa nacional.

Em contrapartida, o chamado mundo "civilizado não aceita gastar US\$ 5 anuais por criança", valor suficiente para erradicar as doenças que matam 14 milhões de crianças ao ano, como sarampo, pneumonia e doenças que causam diarreia.

A falta de investimento nas áreas sociais contribui para o aumento das desigualdades; segundo Paulo Moura. No mundo há cerca 160 bilionários, entre 2 e 2,3 milhões de milionários e 400 milhões de seres humanos que vivem nas ruas, se alimentam de restos de comida e vestem o que encontram nas lixeiras.

O relatório 1993 do Banco Mundial informa que mais de 1 bilhão de pessoas lutam para sobreviver com menos de um dólar por dia. Na África, esse índice é maior ainda. Por outro lado, os habitantes dos Estados Unidos gastam US\$ 5 bilhões anuais em dietas, usando produtos de baixa caloria e outros bilhões em cosméticos e em academias de ginástica.

No Brasil, segundo o psicólogo, a desigualdade foi facilitada pelo modelo econômico adotado, que "criou um Estado rico, enquanto a nação se empobrece". Os privilégios também contribuíram para a crise de valores éticos disseminada em todo o território nacional.

"A crise ética que abala o país não é um mero episódio conjuntural, nem pode ser debitada apenas a pessoas determinadas. Ela reflete todo um quadro de perda de valores, de falta de compromisso social, de impunidade abusiva e de privilégios mantidos à custa do bem comum", conclui Paulo C. Moura.